

OSCAR WILDE

METAS CURRICULARES  
Leitura  
recomendada  
9.º ano

# O FANTASMA DE CANTERVILLE

Versão Integral.

Prefácio da escritora  
Maria do Rosário Pedreira



# Prefácio

## Inversão de papéis

**O**scar Wilde, escritor britânico nascido em Dublin em 1854, é um dos mais citados e adorados autores de todos os tempos. A sua popularidade, contudo, não se deve apenas ao facto de ter uma obra extraordinariamente rica e variada (ele escreveu de tudo, desde histórias para crianças até ensaios de filosofia, passando pelo romance, pelos contos e pelo teatro), mas sobretudo por ter sido um mestre da comédia, da ironia e do sarcasmo. Algumas das suas frases mais célebres ainda hoje servem de decoração a *t-shirts*, tapetes de rato e canecas de lápis, como aquela em que «matar é uma estupidez, pois nunca se deve fazer nada de que não se possa falar à sobre-mesa» ou essa outra em que se diz que «sempre que

causamos boa impressão ganhamos um inimigo». Nada mais verdadeiro – e Wilde também os teve, aos inimigos, até porque o êxito atrai a inveja, e uma pessoa que não tem problemas em dizer e fazer o que lhe apetece corre sempre riscos, incluindo o de ir parar à cadeia, o que também aconteceu ao nosso escritor. Mesmo assim, mais de um século passado sobre a sua morte (que ocorreu em 1900, no ano em que também morreu Eça de Queirós), a verdade é que o senhor Wilde permanece nos nossos corações e conta com milhões de devotos entre os seus leitores.

Oscar era oriundo de uma família culta e com posses, e a mãe lia poemas aos filhos lá em casa, onde, de resto, o rapaz estudou até aos 9 anos. Talvez por isso ele tenha começado a carreira literária pela poesia, que impressionou positivamente os seus professores do Trinity College, na Irlanda e, já em Inglaterra, da Universidade de Oxford, onde Wilde se debruçaria sobre a filosofia clássica e aprenderia grego. Foi só bastante mais tarde, depois de uma incursão breve mas marcante pela literatura infantil (certamente já ouviste falar de *O Príncipe Feliz*, *O Rouxinol e a Rosa* ou o *Gigante*

*Egoísta*, tudo histórias que escreveu para os filhos), que chegaria a vez dos contos — e o primeiro que Wilde publicou foi justamente este que tens agora entre mãos, *O Fantasma de Canterville*; corria o ano de 1887 quando, dividida em duas partes, a noveleta — chamemos-lhe assim — saiu numa publicação intitulada *The Court and Society Review*.

E o que é então *O Fantasma de Canterville*? Podemos dizer que é uma história de terror sem o terror, por isso admiravelmente cínica e cómica. Canterville Chase é, há vários séculos, a mansão de uma família de aristocratas britânicos — os Cantervilles — e, como qualquer mansão inglesa digna desse nome, tem desde 1584 o seu fantasma residente, Sir Simon. Mas Lorde e Lady Canterville, os atuais proprietários, andam verdadeiramente fartos do esqueleto do antepassado a deambular pela casa durante a noite, assustando convidados e parentes, fazendo ruídos que os impedem de dormir e pondo a milhas os criados mais medrosos. Decidem por isso vender a casa ao embaixador americano, o senhor Hiram B. Otis, que procura um lugar compatível com a sua posição e que, mesmo avisado da presença da criatura

sobrenatural e das suas atividades noturnas potencialmente aterradoras, encolhe os ombros com indiferença, conclui a compra do imóvel sem pestanejar e imediatamente se instala na mansão com a mulher e os quatro filhos: Washington, o mais crescidinho, Virginia, uma menina que é um anjo, e, por fim, um par de gémeos completamente impossíveis (sarilhos a dobrar!).

E que acontece então? Pois bem, tendo em conta que a história foi escrita por Oscar Wilde, o mais inesperado, evidentemente. Se pensavas que Sir Simon ia aparecer à senhora Otis e fazê-la desmaiar com a frieza dos seus ossos descarnados ou pôr a miudagem a tremer com as suas aparições a meio da noite, desengana-te: o feitiço vira-se contra o feiticeiro, e não só o fantasma não consegue assustar um único dos membros da família americana, como tem ele próprio de fugir dos gémeos um monte de vezes, e nem sempre a tempo de escapar a um balde de água fria. Por fim, deprimido, pedirá até para morrer definitivamente e deixar de ser fantasma... e será Virginia a ajudá-lo.

Dizem as más-línguas que Wilde nunca teria escrito esta história se não tivesse feito antes uma

viagem aos Estados Unidos (aonde proferiu uma conferência sobre estética, a parte da filosofia que fala da beleza) e observado as enormes diferenças de comportamento entre americanos e ingleses — os primeiros visivelmente mais práticos e virados para o futuro, mas bastante materialistas; os segundos mais dados às coisas do espírito e amigos da tradição. É bem possível: na história que se segue, existem de facto dois mundos em confronto. De um lado, o pragmatismo dos americanos que, em vez de se assustarem com um fantasma que arrasta ruidosamente correias e grilhões pelos corredores da casa, decidem olear as suas ferragens para, pelo menos, poderem dormir mais umas horas; ou que, diante de uma misteriosa mancha de sangue no soalho da biblioteca, não se perguntam se houve mortos ou feridos, trazem simplesmente o Detergente Transcendente e esfregam até a ver desaparecer.

Do outro lado, a indignação de um experiente fantasma britânico cheio de *pedigree* com a conduta das crianças americanas que, ignorando a sua fantasmagoria, o deixam à beira de uma depressão...

Porém, se o conto não deixa de ser uma sátira aos valores da América *versus* os da velhinha Europa, e aos republicanos *versus* monárquicos (e todos aqui são objeto de crítica), também é uma paródia às histórias de fantasmas que se escreviam na época vitoriana, em que Wilde viveu, todas de arrepiar os cabelos, tornando-se assim *O Fantasma de Canterville* completamente original naquilo que é uma divertida inversão de papéis.

Mas a sua originalidade advém igualmente de algumas subtilezas: um narrador que inicialmente parece exterior à história e, afinal, no segundo capítulo, nos fala na primeira pessoa (mas até ao fim nunca descobriremos quem é); a conjugação das ações com descrições belíssimas, como a da natureza no episódio em que os Otis chegam a Canterville Chase pela primeira vez; ou mesmo a ironia que marcaria para sempre o estilo de Oscar Wilde numa frase como «a Inglaterra e a América têm praticamente tudo em comum, salvo, claro está, a língua».

Agora, está na altura de leres e desfrutares. Para ficares com uma ideia do sucesso que este conto reuniu no mundo inteiro, basta saberes que ele já teve dezenas de adaptações: a filme, a série

de televisão, a peça de teatro, a novela radiofónica, a ópera, a novela gráfica, a banda desenhada, a audiolivro... Caramba. Só mesmo Oscar Wilde para conseguir isto tudo. Bendito escritor.

*Maria do Rosário Pedreira*

# I

**Q**uando o Sr. Hiram B. Otis, o Embaixador dos Estados Unidos da América, comprou Canterville Chase, não faltou quem o advertisse de que ia fazer um tremendo disparate, pois era certo e sabido que a casa estava assombrada. Na verdade, o próprio Lorde de Canterville, um homem de escrupulosa honradez, se sentira na obrigação de mencionar o facto ao Sr. Otis, na altura em que discutiram as condições do negócio.

— Nós mesmos perdemos a vontade de lá viver — disse Lorde Canterville —, desde que a minha tia-avó, a Duquesa-viúva de Bolton, apanhou um choque do qual nunca recuperou totalmente, depois de sentir as mãos de um esqueleto pousarem nos seus ombros, enquanto se vestia para o jantar.

Considero, como tal, que é meu dever informá-lo, Sr. Otis, de que o fantasma foi visto por vários membros ainda vivos da minha família, bem como pelo prior da paróquia, o Reverendo Augustus Dampier, que é membro do King's College, em Cambridge. Após o infeliz acidente da duquesa, nenhum dos criados mais jovens quis continuar ao nosso serviço, e Lady Canterville passou muitas noites mal dormidas, à conta dos misteriosos ruídos provenientes do corredor e da biblioteca.

— Vossa Senhoria — respondeu o embaixador —, acordemos um preço justo, e eu fico-lhe com a mobília e o fantasma. Venho de um país moderno, onde temos tudo o que o dinheiro pode comprar. E com tantos dos nossos jovens vivaços a virem para o Velho Mundo pintar a manta e roubar-vos as vossas melhores atrizes e prima-donas, calculo que, a haver na Europa algum fantasma, não tardaríamos a tê-lo em exibição no nosso país, num qualquer museu público ou espetáculo itinerante.

— Temo que o fantasma exista mesmo — insistiu Lorde Canterville, sorrindo —, ainda que possa ter resistido aos avanços dos vossos diligentes empresários. Há três séculos que é bem conhecido,

desde 1584, para ser exato, e faz sempre as suas aparições quando algum membro da nossa família está às portas da morte.

— Bom, também o médico de família o faz, Lorde Canterville. Mas fantasmas são coisa que não existe nem aqui nem na Cochinchina, Vossa Senhoria, e duvido que as leis da natureza abram exceções para satisfazer a aristocracia britânica.

— Vocês são certamente muito «naturais» na América — respondeu Lorde Canterville, sem compreender muito bem a última observação do Sr. Otis —, e se não o incomoda ter um fantasma em casa, tanto melhor. Mas não se esqueça de que o avisei.

\* \* \*

Algumas semanas mais tarde, a transação foi concluída, e no início do verão, o embaixador e a sua família instalaram-se em Canterville Chase. A Sra. Otis — em solteira, menina Lucretia R. Tappan, residente na West 53rd Street, em Nova Iorque, e uma célebre beldade local — era agora uma fascinante mulher de meia-idade, com belos olhos e um magnífico perfil. Muitas senhoras americanas, ao deixarem a sua terra natal, dão-se ares

de quem padece de uma enfermidade crónica, convencidas de que é sinal de requinte na Europa, mas a Sra. Otis nunca caíra em tal erro. Tinha uma admirável compleição, e vitalidade para dar e vender. Na verdade, em muitos aspetos era bastante inglesa, e um excelente exemplo de como, hoje em dia, a Inglaterra e a América têm praticamente tudo em comum, salvo, claro está, a língua. O seu filho primogénito, a quem os pais batizaram de Washington num momento de patriotismo que ele nunca deixou de lamentar, era um jovem louro e bastante atraente, que poderia integrar sem vergonha o corpo diplomático americano depois de ter conduzido o cotilhão no Casino de Newport por três temporadas consecutivas, e cuja fama de exímio bailarino chegava a Londres. As suas únicas fraquezas eram as gardénias e a aristocracia, mas, exceto isso, era extremamente sensato. A menina Virginia E. Otis era uma rapariguinha de 15 anos, graciosa e ágil como uma jovem corça, cujos grandes olhos azuis irradiavam liberdade. Era uma amazona excepcional e, montada no seu pónei, chegara certa vez a bater o velho Lorde Bilton numa corrida, terminando as duas voltas ao parque com corpo e meio de

avanço, mesmo em frente à estátua de Aquiles, para grande deleite do jovem Duque de Cheshire, que a pediu em casamento logo ali, sendo recambiado nessa mesma noite pelos seus tutores para o colégio interno de Eton, lavado em lágrimas. A seguir a Virginia vinham os gémeos, a quem chamavam habitualmente «Estrelas e Riscas»<sup>1</sup>, por passarem a vida a apanhar vergastadas. Eram rapazes adoráveis e, com a exceção do respeitável embaixador, os únicos verdadeiros republicanos da família.

Como Canterville fica a sete milhas de Ascot, a estação de comboios mais próxima, o Sr. Otis telegrafara a pedir que uma carruagem os fosse buscar, e fizeram-se à estrada no meio de uma grande animação. Estava uma bonita tarde de julho e o aroma dos pinhais perfumava delicadamente o ar. De quando em quando, escutavam um pombo-torcaz embalado pela doçura do seu próprio arrulhar, ou entreviam, por entre os fetos rumorejantes, o peito lustroso de um faisão. Pequenos esquilos espreitavam à sua passagem, do alto das faias, e os coelhos fugiam, ligeiros,

---

<sup>1</sup>No original: «The Star and Stripes», símbolos da bandeira dos Estados Unidos da América. [N. da T.]

pelo matagal e pelos outeiros cobertos de musgo, agitando no ar as suas caudas brancas. Mas assim que transpuseram os portões de Canterville Chase, o céu cobriu-se repentinamente de nuvens, uma estranha quietude pareceu apoderar-se da atmosfera, um enorme bando de gralhas sobrevoou silenciosamente as suas cabeças e, antes de chegarem à casa, caíram os primeiros grossos pingos de chuva.

Nas escadas esperava-os uma senhora idosa, com uma aparência irrepreensível, usando um vestido de seda preta e touca e avental brancos. Tratava-se da Sra. Umney, a governanta, que a Sra. Otis concordara em manter no seu antigo posto a pedido de Lady Canterville. Cumprimentou-os um a um com uma profunda vénia, à medida que se apeavam da carruagem, e disse de um modo singular e antiquado: «Sede bem-vindos a Canterville Chase.» Seguindo-a, os Otis atravessaram o elegante vestibulo Tudor até à biblioteca, uma sala comprida, de teto baixo, revestida com painéis de carvalho negro, ao fundo da qual existia uma ampla janela de vitral. Aí encontraram tudo a postos para o chá, e depois de despirem os agasalhos, sentaram-se e puseram-se a olhar em volta, enquanto a Sra. Umney os servia.

De repente, a Sra. Otis reparou numa mancha vermelho-escura no soalho, mesmo junto à lareira, e, sem sequer imaginar do que se tratava, comentou com a Sra. Umney:

— Parece que se derramou ali qualquer coisa.

— Derramou, sim, minha senhora — respondeu a governanta, baixando a voz —, foi sangue o que ali se derramou.

— Que horror! — exclamou a Sra. Otis. — Não suporto manchas de sangue numa sala de estar. Tem de se limpar o quanto antes.

A velhota sorriu e respondeu no mesmo tom enigmático e sussurrado:

— É o sangue de Lady Eleanore de Canterville, assassinada naquele preciso lugar pelo próprio marido, Sir Simon de Canterville, em 1575. Sir Simon sobreviveu-lhe nove anos e desapareceu subitamente em circunstâncias muito misteriosas. O corpo nunca foi encontrado, mas o seu espírito culposo continua a assombrar a casa. Aquela mancha de sangue tem sido muito admirada por turistas, entre outros visitantes, e é impossível de remover.

— Isso é um disparate! — retrucou Washington Otis. — O Tira-nódoas Infalível e Detergente

Transcendente Pinkerton<sup>2</sup> fazem-na desaparecer em três tempos.

E antes que a apavorada governanta pudesse interferir, já ele estava de joelhos a esfregar energeticamente o chão com o que parecia ser um batom preto. Instantes depois, não se via nem vestígio da mancha.

— Eu sabia que o Pinkerton conseguia! — exclamou Washington, triunfante, olhando para a sua família plena de admiração.

Mas assim que acabou de pronunciar estas palavras, um terrível relâmpago iluminou a sala sombria, um assustador ribombo de trovão fê-los saltar nos lugares, e a Sra. Umney desmaiou.

— Que clima atroz! — disse tranquilamente o embaixador, acendendo um longo charuto. — Suponho que o velho país está tão sobrelotado que o bom tempo não chega para todos. Sempre fui da opinião de que o melhor que os ingleses têm a fazer é emigrar.

---

<sup>2</sup>Alusão à agência de detetives privados Pinkerton National Detective Agency (Agência Nacional de Detetives Pinkerton), fundada nos Estados Unidos, em 1850, por Allan Pinkerton, um detetive escocês que ganhou fama ao frustrar uma conspiração para assassinar o presidente Abraham Lincoln. [*N. da T.*]

— Meu querido Hiram — interveio a Sra. Otis —, como é que lidamos com uma mulher dada a desmaios?

— Descontamos-lhos do salário, como se faz quando quebram alguma coisa — respondeu o embaixador. — É remédio santo: nunca mais tem outro chilique.

Passados uns minutos, a Sra. Umney lá recuperou os sentidos. Era evidente, no entanto, que estava bastante transtornada, e tratou de alertar, num tom severo, o Sr. Otis, para o infortúnio que, por certo, se aproximava.

— Eu vi coisas com os meus próprios olhos, Sr. Otis, que poriam qualquer cristão de cabelos em pé — declarou. — E já passei muitas e muitas noites sem pregar olho à conta das desgraças que aqui acontecem.

No entanto, o Sr. Otis e a mulher asseguraram calorosamente à pobre alma que não tinham medo de fantasmas, e depois de invocar a bênção da Providência para os novos patrões e de acertar um aumento de salário, a velha governanta retirou-se a cambalear para o seu quarto.

## Esta obra é considerada um dos melhores contos trágicômicos de sempre.

O embaixador americano Hiram B. Otis decide mudar-se com a família para Inglaterra, e comprar o Castelo de Canterville. Lord Canterville, o seu honesto proprietário, avisa-o de que o castelo se encontra assombrado.

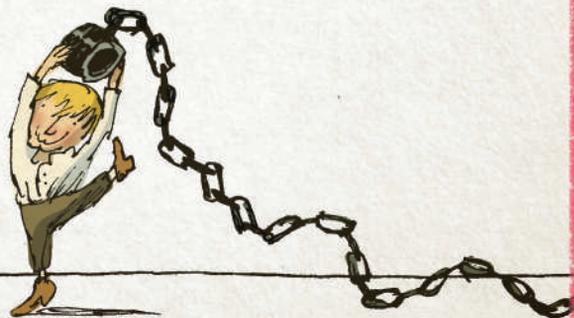
Não tarda até que o fantasma, Sir Simon Canterville, que por ali vagueia há 300 anos, planeie uma assombrosa aparição aos novos residentes. E é então que os sustos e sarilhos começam. No entanto, ao contrário do que era esperado, não são os membros da família Otis quem mais sofre, mas sim o fantasma!

Desde as partidas maldosas dos temíveis gémeos Otis à indiferença da Sra. Otis, o velho fantasma não sabe o que fazer da vida. Só a doce Virgínia, a filha mais velha, vai entender a extensão de seu sofrimento e ajudá-lo a encontrar a almejada paz.

«E o que é então *O Fantasma de Canterville*? Podemos dizer que é uma história de terror sem o terror, por isso admiravelmente cínica e cômica.»

in Prefácio de Maria do Rosário Pedreira

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 <p>fabula imagina descobre voa</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-778-4</p> <p>13+</p>  <p>9 789897 077784</p> <p>Literatura Juvenil</p>
---	---